



## **“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

**Eixo temático:** Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

**Sub-eixo:** Antirracismo e Serviço Social

### **CONTRIBUIÇÕES FANONIANAS PARA UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL ANTIRRACISTA EM SERVIÇO SOCIAL**

### **“FANONIAN CONTRIBUTIONS TO ANTI-RACIST PROFESSIONAL TRAINING IN SOCIAL WORK**

GISELLE MORAES DE SOUZA <sup>1</sup>

#### **Resumo**

O presente artigo objetiva apresentar elementos históricos, teóricos e políticos que possibilitem maior apreensão das contribuições fanonianas para uma formação antirracista no Serviço Social brasileiro. Desse modo, o texto está dividido em três tópicos: no primeiro momento expomos sobre a vida e obra do autor; em segundo, apresentamos as elaborações teóricas fanonianas sobre colonialismo e racismo e, por fim, anunciamos elementos para a viabilização de uma formação profissional antirracista no Serviço Social.

---

<sup>1</sup>Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal Do Rio De Janeiro

Nesse caminho, damos destaque para a importância da apreensão do racismo como um dos componentes estruturantes do sistema capitalista.

**Palavras-chave:** Serviço Social; formação profissional; racismo; Frantz Fanon.

### **Abstract**

This article aims to present historical, theoretical and political elements that make it possible to apprehend Fanonian contributions to an anti-racist education in Brazilian Social Work. Thereby, the text is divided into three topics: in the first moment, we expose the author's life and work; second, we present Fanonian theoretical elaborations on colonialism and racism and, finally, we announce elements for the viability of anti-racist professional education in Social Work. Along this path, we emphasize the importance of apprehending racism as one of the structuring components of the capitalist system.

**Keywords:** Social Work; professional education; racism; Frantz Fanon.

## **INTRODUÇÃO**

O compromisso com o enfrentamento do racismo e de outras opressões/explorações está explícito no Código de Ética profissional do/a Assistente Social, publicado em 1993, e localizado nos princípios fundamentais V; VI; VIII e XI (BRASIL, 2012). Em consonância com o Código de Ética da categoria que a formação profissional foi reorganizada há quase 25 anos.

A Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), responsável pela coordenação dos projetos de formação profissional na graduação e na pós-graduação, aprovou em 1996, o documento que dá as diretrizes gerais para o curso de Serviço Social (DGSS). De acordo com ABEPSS, [s.d.], as diretrizes aprovadas nessa ocasião se materializaram como um avanço para a profissão, sendo resultado de um processo histórico, iniciado em 1979, no contexto do III Congresso de Assistentes Sociais (CBAS). Nesse sentido, “defender as Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 é um compromisso na defesa do projeto ético político profissional” (ABEPSS, [s.d.], p. 1) e é a partir destas que apresentaremos algumas reflexões.

A partir da produção de Rocha (2014), que sinaliza que questão étnico-racial se faz presente nas Diretrizes Curriculares de 1996, em destaque “no tópico de fundamentos da formação sócio-histórica da sociedade brasileira” (ROCHA, 2014, p. 96) e no documento das diretrizes curriculares está evidenciada a questão social como matéria e fundamento da profissão, a relação da profissão com as “relações sociais de produção e reprodução da vida social” e com as “configurações estruturais e conjunturais da questão social” no contexto de desenvolvimento do capitalismo e da configuração do Estado (capitalista).

Já, o racismo, é um *elemento – produto – processo* do colonialismo, num primeiro momento, e do capitalismo, posteriormente, que atua nas diversas dimensões da vida para garantir a reprodução do colonialismo e do capitalismo que se funda, não só, mas também pela diferenciação racial entre pessoas e povos (FANON, 1968; FAUSTINO, 2015; 2018). Desse modo, o debate da questão étnico-

racial não pode ser uma dimensão negociável da formação profissional. Do contrário, as diretrizes não estão sendo apreendidas em sua integralidade.

Nesse sentido, trazemos Frantz Fanon, autor, psiquiatra e revolucionário que se engajou na luta contra o colonialismo europeu e nos deixou um legado importante. Legado este que nos ajuda a refletir sobre as bases da formação profissional em serviço social, ou melhor, contribui consistentemente para pensarmos sobre – e agirmos para consolidação de - uma formação profissional antirracista em Serviço Social.

## **1. ENTRE A PROFISSÃO E A REVOLUÇÃO: FRANTZ FANON E SUA OBRA**

A breve vida, obra e práxis revolucionária de Frantz Fanon são admiráveis. Frantz Omar Fanon foi o autor de estudos importantes e fundamentais. Nascido na Martinica, uma colônia francesa, em 20 de julho de 1925, um dos oito filhos de uma família negra de classe média de Forte de France, formada por Eléanore Médélice Fanon (1891-1981) e Felix Casimir Fanon (1891-1947) (FAUSTINO, 2015; PASSOS, 2019).

Em 1946, Fanon ingressou no curso de psiquiatria forense em Lyon. Na *Faculté Mixte de Médecine et de Pharmacie d'Université* em Lyon, quando teve contato com as ideias de pensadores importantes como Sartre, Lacan, Marx e Hegel. O autor escreveu diversas peças teatrais, algumas divulgadas apenas após sua morte (FANON, 2020). Em 1950, terminou seu curso de psiquiatria forense para o qual apresentou um primeiro trabalho que foi rejeitado por não contemplar as ideias positivistas predominantes naquele contexto (FAUSTINO, 2015, p. 33).

Em pouco tempo, Fanon escreveu um segundo trabalho intitulado *Transtornos mentais e síndromes psiquiátricas em degeneração espino-cerebelar-hereditária. Um caso de doença de Friereich com delírio de possessão* que,

atendendo as expectativas do pensamento positivista daquele momento, não sem críticas, foi aprovado com louvor em 1951. Já, o primeiro trabalho de conclusão, foi revisado e no contexto de nascimento de sua primeira filha, saiu a primeira edição de *Pele negra, máscaras brancas (Peau noire, masques blancs)* (FAUSTINO, 2015, p. 35).

Com a conclusão do curso, iniciou sua residência médica em Saint Alban com o médico psiquiatra espanhol François Tosquelles com quem ficou até 1953 após dois anos de residência, do qual permaneceu próximo. Além disso, as perspectivas revolucionárias do médico influenciaram em seus trabalhos posteriores (FAUSTINO, 2015).

Até aqui, Fanon já havia se deparado com as faces do colonialismo e do racismo na Martinica, no período em que esteve no *front* de guerra na Europa, na África do Norte e na França como nos demonstra a profunda investigação sobre a vida e a obra de Fanon realizada por Faustino (2015). Foi um longo processo percorrido até o entendimento que para os franceses da França, o martinicano de francês não tinha nada, e na hierarquização racial, estes eram relegados ao estatuto de desumanidade. Mas é com a experiência em Blida, que Fanon ficou diante de práticas colonialistas na saúde, quando ele vê na prática o impacto do colonialismo nos serviços de saúde mental (FAUSTINO, 2015).

O acúmulo de experiências vividas com o racismo e o colonialismo, juntamente ao arcabouço teórico que adquiriu ao longo de sua formação, fez com que a prática psiquiátrica de Fanon, bastante influenciada por Tosquelles, fosse revolucionária desde o início, como podemos observar a partir das reformas realizadas no hospital psiquiátrico de Blida, com o objetivo de “(...) desenvolver novas formas democráticas na convivência dos enfermos (...)” e “procurar estabelecer uma estreita conexão entre a psicoterapia e a educação política” (ZAHAR, 1972, p. 3-4, tradução livre)<sup>2</sup>. Fanon implementou a liberdade de circulação

---

<sup>2</sup>“(…) em el tratamiento intenta desarrollar nuevas formas democráticas em la convivencia de los enfermos, para poner em marcha procesos de socialización que permiten a los enfermos orientarse nuevamente em la sociedad” (ZAHAR, 1972, p. 3-4).

para os pacientes, deixando a camisa de força apenas para casos extremos, aboliu a divisão de alas pela raça e adotou a classificação por grau de sofrimento psíquico (FAUSTINO, 2015).

A década de 1950 foi marcada pelos diversos debates entre nações sobre colonialismo e por processos de independência na África e na Ásia. Nesse contexto, as ideias de Fanon ganharam terreno a partir do início da guerra de guerrilha em 1954, adotado pelos nacionalistas após os fracassados caminhos de conciliação. Assim, além de tomar partido em favor da Argélia - contra a França -, tornou-se colaborador ativo da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN). De acordo com Zahar (1972, p. 5. tradução livre)<sup>3</sup> a posição de Fanon facilitava que ele agisse na clandestinidade em prol da FLN, destacando as seguintes atividades: “(...) esconde integrantes da FLN, treina enfermeiras para a guerrilha, disponibiliza salas para sessões secretas e repassa informações, armas e outros materiais”.

De acordo com Faustino (2015), Fanon além de ter se tornado embaixador da FLN, tornou-se correspondente do *El Moudjahid*, que era uma ferramenta de destaque na mobilização política da organização, e “se empenhou bravamente, a partir desse cargo, para criar parcerias políticas que viabilizassem o abastecimento da guerrilha, o fortalecimento da luta de libertação e seu representante internacional no diálogo com os demais países africanos” (FAUSTINO, 2015, p. 43).

No auge de sua atuação política e profissional, recebeu o diagnóstico de uma doença para a qual o tratamento era pouco evoluído àquela altura: a leucemia. Pouco antes, em 1959, escreveu *Sociologia de uma revolução: O ano V da Revolução da Argélia* (FAUSTINO, 2015, p. 47).

Diante de um diagnóstico tão difícil se concentrou na escrita do livro *Os condenados da terra* como algo que precisava fazer antes de sua morte. Tendo sido bem-sucedido nesse feito, Fanon nos deixou um trabalho de extrema relevância que

---

<sup>3</sup>“Fanon se encuentra en una situación ventajosa para el trabajo clandestino: oculta miembros del FLN, forma enfermeras para la guerrilla, pone a disposición locales para sesiones secretas y pasa informaciones, armas y otros materiales” (ZAHAR, 1972, p. 5).

“além de abordar o colonialismo e a luta antirracista também aborda a perspectiva psiquiátrica racista, ou seja, a psiquiatria colonizada” (PASSOS, 2019, p. 79). Teve tempo, enfim, de receber os primeiros exemplares de *Os condenados da terra*. Alguns dias depois, já bastante debilitado, faleceu aos 36 anos, em 06 de dezembro de 1961 (FAUSTINO, 2015, p. 50).

A recepção do seu pensamento e obra passou por diversos momentos na realidade brasileira. Ao olharmos rapidamente para os debates realizados por autores negros – e brancos até – é possível que tenhamos a impressão de que tem sido um autor lido há muito na academia e nos movimentos sociais e políticos brasileiros. Fato é que – como nos demonstra Guimarães (2008) – não foi uma “explosão” quase que imediata como na Europa, EUA e países do continente africano. O autor sinaliza “um silêncio impactante, em revistas culturais ou acadêmicas, que perdurou até meados da década de 1960” (GUIMARÃES, 2008, p. 99).

Guimarães (2008, p. 114) considerava que apesar da pesquisa dos trabalhos do autor nos anos 1970 e 80, estávamos “engatinhando nas investigações sobre Fanon”, mas as fontes bibliográficas que embasaram este trabalho são uma quase confirmação da aposta de Antônio Sérgio: a presença negra na universidade que transformará esse cenário.

## **1. Elaboraões fanonianas: colonialismo e racismo**

A apreensão da realidade e a práxis revolucionária são os caminhos pelos quais o autor desenvolve suas elaborações sobre o colonialismo e o racismo. Através da experiência vivida como um homem negro, nascido em um país colonizado, entendeu que o racismo é componente de uma “estrutura” com um objetivo estruturado e definido (FANON, 1980). Assim, o racismo é parte do

colonialismo, e o colonialismo não se desenvolveria enquanto uma forma particular de exploração e opressão sem o racismo, pois “quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça” (FANON, 1968, p. 29).

O colonialismo é um instrumento de um sistema de exploração imposto aos povos negros, árabes, indígenas e amarelos com o objetivo de ocupação e exploração completa: ocupação e exploração da terra, e exploração da força de trabalho da população dominada. O principal meio utilizado para tanto é a violência. O racismo opera na esfera da justificativa primeira de que a colonização é a salvação do atraso, do mal e a oportunidade de evolução para um povo (não branco) que “não tem resistência ontológica” (FANON, 1983, p. 92). Nesse sentido, esse povo outro, não europeu - aos olhos dos brancos europeus - sequer possuem um estatuto de humanidade, não possuem cultura ou civilização. Assim, os brancos europeus se auto hierarquizam em um sistema por eles mesmos criado e se autorizam a cometer todo o tipo de barbárie na ocupação e dominação das nações outras. “A expropriação, o despojamento, a rapina, o assassinio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem” (FANON, 1980, p. 37).

Faustino (2018) analisa a sociogênese do colonialismo em Fanon, e destaca que esse conceito estrutura toda a produção do martinicano mesmo tendo sido o termo cunhado uma única vez no seu primeiro livro. Veremos adiante que, como nos foi sinalizado, Fanon está sempre mediando a estrutura material e objetiva e os avanços sobre as subjetividades das pessoas negras. Logo, para Fanon, o colonialismo não pode ser explicado apenas pela dimensão econômica, mas pelos estragos causados a uma subjetividade coletiva.

A insaciedade do colonizador, de fato, parece algo interminável quando analisamos as descrições de Fanon, que coloca que além de segregar, violentar e desumanizar a população colonizada, o colonizador lança a desqualificação de

negros, amarelos e indígenas. Para Fanon, “o mundo colonial é um mundo maniqueísta” (FANON, 1968, p. 30).

A respeito do racismo, Fanon trabalha com a situação do colonizado dentro e fora do seu país – no país do colonizador ou em outro país colonizado, e sinaliza que mesmo abolidas as relações escravistas, o estatuto de outridade<sup>4</sup> do negro não se modificou. Precisamos aqui colocar de antemão que Fanon sinaliza que aos olhos do branco “o negro não é um homem”, mas um homem negro, situado na “zona do não-ser” (FANON, 1983, p. 10). A elaboração do eu, não se dá a partir da experiência do ser, porque não se é, e a elaboração corporal vai se dar a partir da experiência do eu branco, que a partir de si mesmo define o outro. “Então, o esquema corporal, atingido em vários pontos, desabou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial” (FANON, 1983, p. 93).

Diante dessas palavras, entendemos que Fanon coloca para nós que o negro é uma invenção do homem branco (FANON, 1983, p. 14). Aqui reside a relação entre racismo e colonialismo. Apenas a partir da invenção de um povo outro e inferior, o colonialismo poderia justificar-se, pois de acordo com o autor o complexo de inferioridade se dá a partir de um “processo duplo: econômico, inicialmente; em seguida, pela interiorização, ou melhor epidermização dessa inferioridade” (FANON, 1983, p. 12). Portanto, a invenção da raça atrelada a uma ideia de evolução e civilidade serviu aos propósitos de um sistema (capitalista) de exploração organizado para a espoliação dos povos não brancos. Faustino (2018, p. 152), sinaliza que Fanon “[...] ressalta o quanto o racismo e a racialização – implícitos à situação colonial – são partes de um processo maior de dominação: a violenta e desigual expansão das relações capitalista de produção para o mundo não europeu”. O sujeito negro passa a ser um sujeito “sem lugar”, seja na sua nação

---

<sup>4</sup>Grada Kilomba (2019), profundamente influenciada pela obra fanoniana, cunhou o termo referindo-se ao processo pelo qual pessoas brancas projetam para pessoas negras aquilo que não querem ser. A branquitude fica com a parte boa do ego e a *negritude* com a parte má. “Dentro dessa infeliz dinâmica, o *sujeito negro* torna-se não apenas a/o “*Outra/o*” – o diferente, em relação ao qual o “eu” da pessoa *branca* é medido -, mas também “outridade” – a personificação de aspectos repressores do “eu” do *sujeito branco*” (*Ibidem*, p. 37. grifo da autora).

após a invasão dos brancos, seja na nação “dos brancos”<sup>5</sup>, seja em outra nação colonizada.

De acordo com Fanon, os comportamentos esquematizados pelo racismo atravessam ambas as partes nessa relação de dominação. Num primeiro momento, os argumentos científicos são utilizados para uma auto justificação das atrocidades por parte do colonizador. O colonizado, por sua vez, rendido pela violência sofrida internaliza o argumento do colonizador num processo de alienação/assimilação e negação de sua raça. Num segundo momento, o colonizador impõe outra cultura ao colonizado, que reconhece a maldição de sua existência (FANON, 1980).

Porém, a cultura não é totalmente sepultada, a alienação também não é total de modo que não seja possível sair do estado de quase total assimilação. Nesse sentido, em um dado momento, tendo aceitado os ditames da cultura imposta, e mesmo assim perseguido pelo racismo, “apercebe-se de que a atmosfera racista impregna todos os elementos da vida social” (FANON, 1980, p. 45). Assim, em um momento de desencantamento com a cultura imposta pelo colonizador e a tentativa de assimilação, o colonizado parece acordar de um sono profundo. Inicia-se um processo de resgate e reconhecimento de sua cultura que o conduzirá a luta.

Para o martinicano, o “começo da história” das nações independentes significa, necessariamente, sem alternativa outra, o fim da história do colonizador. Apenas o povo colonizado, num processo de “práxis totalizante”<sup>6</sup>, na luta pela terra e pelo alimento poderia pôr fim a “aventura colonial”, a “aventura do espírito europeu” que promoveu a pilhagem, o desterro e o genocídio. Assim, a solução para a situação colonial - e problema do racismo – é luta pela libertação total. É a luta contra o sistema de exploração e opressão capitalista (FANON, 1980).

---

<sup>5</sup>Colocamos entre aspas aproveitando-nos de uma passagem de Fanon com a qual concordamos: “A riqueza dos países imperialistas é também nossa riqueza. [...] A Europa é literalmente a criação do Terceiro Mundo. As riquezas que a sufocam são as que foram roubadas aos povos subdesenvolvidos” (FANON, 1968, p. 81).

<sup>6</sup>“Essa práxis violenta é totalizante, visto que cada um se transforma em elo violento da grande cadeia, do grande organismo surgido como reação à violência primordial do colonialista. Os grupos se reconhecem entre si e a futura nação já está indivisa. A luta armada mobiliza o povo, isto é, lança-o numa única direção, num sentido único” (FANON, 1968, p. 73).

## 2. AS CONTRIBUIÇÕES DE FANON PARA UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

A primeira contribuição de Frantz Fanon para o Serviço Social diz respeito às suas reflexões acerca do racismo como um componente crucial e necessário ao colonialismo e ao capitalismo. O racismo é parte de uma estrutura que tem como objetivo a exploração. O saque das riquezas, a escravização humana e o escoamento de mercadorias produzidas nas metrópoles para as colônias estão nas franjas da acumulação primitiva. Como Fanon sinaliza,

O capitalismo, em seu período de desenvolvimento, via nas colônias uma fonte de matéria-prima que, manufaturadas, podiam espalhar-se no mercado europeu. Depois de uma fase de acumulação do capital, impõe-se hoje modificar a concepção da rentabilidade de um negócio. As colônias converteram-se num mercado. (FANON, 1968, p. 49).

O objeto de intervenção da/o assistente social é a “questão social” que é produzida pela contradição capital x trabalho própria da exploração capitalista, portanto nada menos relevante do que entender a formação da sociedade capitalista e suas contradições na perspectiva do materialismo histórico dialético, que nos permite apreender a aparência e a essência da realidade social.

Gonçalves (2018), traça um breve percurso da situação da população negra no pré e pós-abolição. A partir de diversas autoras, sustenta e explicita a relação questão racial e “questão social”, uma vez que no pós-abolição à população negra foi direcionada apenas ações de repressão, higienização, caridade e educação moral e ideológica, resultado de uma fusão macabra entre ideais eugenistas, nacionalismo e catolicismo. O Estado esteve – e talvez ainda esteja - concentrado em fazer desaparecer a massa negra da nação - ou na impossibilidade, pelo menos controlar – o que por muito tempo ficou relegada a um lugar de resíduo social, enfrentando um processo penoso para se constituir como classe laboriosa. A

transição do trabalho escravo para o trabalho livre está no cerne da constituição da sociedade burguesa e da “questão social” (ALMEIDA, 2016 *apud* GONÇALVES, 2018). É nesse sentido que Gonçalves (2018) traça o nó da “questão social”.

Ainda de acordo com a autora, nos anos 1930, década da gênese do Serviço Social, o quadro de marginalização, ações de controle e eugenia da população negra se mantinha. O Serviço Social amparado nos ideais e na aliança do Estado com Igreja católica responderá as demandas da burguesia dominante. Assim, a compreensão de seu processo constitutivo passa necessariamente pela compreensão da questão étnico-racial (GONÇALVES, 2018). É sobre essas bases que precisamos olhar para a sociedade capitalista em busca de reproduzir o movimento da realidade no campo da abstração. Conforme Netto,

[...] além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento, sendo essa aparência um nível da

realidade e, portanto, algo importante e não descartável -, é apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto (NETTO, 2011, p. 22, grifo do autor).

O capitalismo se funda, não apenas, a partir da colonização e do racismo. Foi o que tentamos demonstrar a partir do pensamento fanoniano. Como já sinalizado, um país colonial é necessariamente um país racista, assim o racismo deveria estar presente nas nossas análises sobre a formação social brasileira. O que queremos dizer com isso é que a “questão social” no Brasil, nas Américas, nos países africanos não pode ser analisada a partir da importação crua da “questão social” dos países colonizadores, uma vez que as populações desses países não foram/são subjugadas enquanto colonizados, mas sim enaltecidas a partir do mesmo esquema de hierarquização racial que estrutura as relações sociais (e raciais) no interior dos países e entre países.

A ausência do estudo da questão étnico-racial e da apreensão desta no que se produziu sobre formação social brasileira tanto no Serviço Social quanto em outras áreas de conhecimento prestou uma análise fragmentada da história brasileira, obviamente, com impactos profundamente negativos para apreensão e intervenção na contemporaneidade. O documento “Subsídios para o debate sobre a

questão étnico-racial na formação em Serviço Social” elaborado pela ABEPSS engrossa o caldo das nossas argumentações quando sinaliza que “A apropriação das categorias raça e etnia para as análises e reflexões nas ciências sociais é fundamental, sobretudo, no Serviço Social (...)”(ABEPSS, 2018, p. 15).

A segunda contribuição de Fanon que queremos destacar é o desnudamento da desumanização das pessoas negras, que gostaríamos de reafirmar, e não cessou como demonstram análises feitas por autoras como Passos (2018; 2020) e diversos institutos e laboratórios de pesquisa<sup>7</sup>.

O retrato da realidade da população negra, constatado por diferentes pesquisas<sup>8</sup>, “ilustra” a sociedade estruturalmente racista de raízes coloniais preservadas por uma estrutura política e um aparato ideológico<sup>9</sup> que se coloca como barreira para a percepção do privilégio das pessoas brancas, da desumanização e do genocídio das pessoas negras, do mesmo modo que Fanon (1968, 1980,1983) em diversos momentos sinalizou em suas obras, seja em seu país ou no país estrangeiro. É uma contribuição no sentido de oferecer elementos para que se olhe com mais atenção para o público com o qual a categoria profissional trabalha.

A ausência de reflexões sobre uma questão latente sem considerar elementos imprescindíveis da realidade concreta dos sujeitos pode nos levar ao questionamento da “qualidade” dos serviços socioassistenciais dos quais nos fala Yamamoto (2010).

A professora Roseli Rocha (2014, p. 143), autora de uma tese importante sobre a incorporação da temática étnico-racial na formação profissional em Serviço

---

<sup>7</sup>Diversas pesquisas de análise quantitativa e qualitativa como as do IBGE, por exemplo, demonstram que as “minorias” – população negra (e mulheres negras) e indígena – são maioria nos piores índices relacionados a renda, moradia, educação, trabalho, vitimização / homicídios, etc. Ver: Retrato das desigualdades de gênero e raça (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA *et. al.*, 2011; 2015); E Atlas da violência (CERQUEIRA; BUENO, 2020).

<sup>8</sup>Idem nota de rodapé nº9.

<sup>9</sup>Conforme Almeida (2019, p. 87), “Uma vez que o Estado é a forma política do mundo contemporâneo, o racismo não poderia se reproduzir se, ao mesmo tempo, não alimentasse e fosse também alimentado pelas estruturas estatais. [...] O Estado moderno é ou Estado racista [...] ou Estado racial – determinados estruturalmente pela classificação racial -, não havendo uma terceira opção”.

social, argumenta que a ciência dos marcadores raciais das(os) nossas(os) usuárias(os) se constitui por si só em uma razão para atenção a essa realidade.

Já, Tereza Martins, em artigo sobre a “questão social” e a questão étnico-racial na formação profissional, chama atenção para a necessidade de uma análise não genérica da “questão social” ao contrário da que se centra apenas na contradição fundante das sociedades capitalistas e secundariza outras medições necessárias em determinado contexto de formação social, como a brasileira (MARTINS, 2015). A referida pesquisadora destaca o impacto negativo na formação profissional que não se forja na análise da realidade concreta e da análise histórica dos processos sociais que conformam a contemporaneidade, à medida que reduz o campo de referenciais teórico-metodológicos que nos possibilitam intervenção na realidade concreta (MARTINS, 2015, p. 175).

A última contribuição, não menos importante, que queremos destacar é o debate sobre assimilação/alienação e desalienação realizado por Fanon. Estabeleceremos esses dois momentos como duas dimensões que se relacionam dialeticamente. A primeira dimensão refere-se ao quanto na colonização a ideia de inferioridade é internalizada pelas pessoas negras e o de superioridade por pessoas brancas se caracterizando com um “duplo narcisismo” (FANON, 1983, p. 11).

A relação que queremos estabelecer é do reflexo dessa subjetividade moldada por um esquema racial - caso não seja “desarticulada” ao longo da formação - na relação das assistentes sociais com as usuárias, na coordenação de projetos e programas, e na elaboração de políticas públicas. Não se trata de responsabilizar única e, exclusivamente, nesse caso específico, a universidade ou os cursos de Serviço Social, mas de sinalizar que formar profissionais com conhecimento das relações raciais pode – e deve – ser uma tarefa revolucionária das unidades de ensino. Além de oferecer elementos para atuação profissional que não reproduza o racismo em sua prática, pode ir além, na formação de profissionais antirracistas.

Mais uma vez dialogando com Almeida (2019, p. 47), “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”, o autor coloca que “as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (ALMEIDA, 2019, p. 40). Nesse sentido, o que faz ser o Serviço Social uma profissão na qual o projeto ético-político hegemônico está alinhado com a fundação de outra forma de sociabilidade sem mecanismos de dominação e exploração de um grupo sobre outro que ainda não traz essa radicalidade materializada nos currículos de formação profissional? Arriscamos com Fanon sugerir: é a alienação do branco “escravo de sua superioridade” (FANON, 1983, p. 51) que ainda não conseguiu por completo radicalizar. Perguntamos, existe radicalidade pela metade?

A segunda dimensão, refere-se à potencialidade da formação profissional para aquelas pessoas, sobretudo, negras afetadas pelos constructos racistas que moldam subjetividades coletivas, como vimos, brancas e negras. Fanon (1968, 1980), demonstrou em sua obra, a força que tem o conhecimento e a valorização de si e de sua história, e da desmistificação de imaginários racistas. O que queremos salientar com isso é que o período de formação profissional pode ser um espaço que contribua para desalienação do eu.

Dizemos isso porque nas relações com nossas(os) companheiras(os) de formação percebemos os conflitos de identidade racial<sup>10</sup> bem como as subjetividades atravessadas pelos “complexos e comportamentos neuróticos” analisadas na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Falamos de inseguranças, medos e baixa-estima que vêm sendo moldados desde o primeiro contato com sociedade racista e são reforçados na família, pela cultura e pela escola (ALMEIDA, 2019). Conforme Fanon demonstrou, a luta revolucionária contra a estrutura e superestrutura capitalista tem

---

<sup>10</sup>As questões que se colocam para autodeclaração racial no Brasil têm raízes na política de embranquecimento iniciada no século XIX que fortalecerá a mestiçagem àquela altura já verificável pelos frutos de relações não consensuais entre colonos brancos e mulheres negras escravizadas. A assimilação epidérmica é inculcada na população negra como uma forma de salvação, assim como Fanon (1983) nos fala. Aquelas pessoas negras mais claras, com opção de não se declararem negras, criativamente encontram os mais diversos adjetivos de identificação racial (NASCIMENTO, 1978; MOURA, 1988).

muito mais a se fortalecer com a contribuição<sup>11</sup> de grande relevância na desorganização desses esquemas de inferiorização e desalienação das estudantes em formação uma vez que “nenhum neologismo pode mascarar a nova evidência: o mergulho no abismo do passado é condição e fonte de liberdade” (FANON, 1980, p.47).

O que estamos propondo seria uma espécie de inversão no movimento – ou comportamento neurótico – que Fanon (1983, p. 78) ressalta quando diz que “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos coragem de dizer: É o racista que cria o inferiorizado”. Assim, é também responsabilidade das pessoas brancas a luta antirracista que reverbera nas diferentes dimensões da vida, sobretudo a ético-política.

O destaque para essas três contribuições de Frantz Fanon para o Serviço Social de forma mais ampla e para a formação profissional mais especificamente, nem de longe esgota os subsídios que a produção teórica do autor oferece para refletirmos sobre a sociedade capitalista, o racismo e os caminhos para a refundação dessa sociabilidade que deteriorou as relações humanas e o próprio humano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A localização de Fanon no tempo está marcada pelo contexto do qual ele escreve. Apesar de seu último livro ter sido publicado em vida em 1961, a obra fanoniana nos ajuda a interpretar (e intervir) sobre a contemporaneidade, e não à toa existem disputas e torno do pensamento do autor (FAUSTINO, 2015).

---

<sup>11</sup>Falamos em contribuição, pois de acordo com Fanon (1983) a alienação é material e objetiva como subjetiva. Assim, o processo de desalienação passa também pela estrutura econômica.

A categoria profissional de assistentes sociais, por seu compromisso com a luta contra o capitalismo e todos os seus mecanismos/sistemas de opressão - inscrito em diversos instrumentos legítimos do Serviço Social -, está diante de uma crescente pressão política que iniciou na década de 80 (ALMEIDA, 2013), e cada vez mais se avoluma. A virada contra o conservadorismo completou quatro décadas, no entanto, espantosamente, os grupos políticos *taxados de identitários* ainda lutam pela radicalidade que não se concretizou, até este tempo, por completo.

Entendemos que a virada que o Serviço Social precisa, para se consolidar como uma categoria de profissionais antirracistas – que começou a ser forjada no século passado, e isso se deve a luta das profissionais majoritariamente negras que vêm travando essa disputa sem descansar -, se realizar nas diferentes dimensões da profissão. Seja na docência, na pesquisa, na atuação profissional na “ponta”, na extensão, no estágio, enfim na formação. Não pode haver pontas soltas nesse caso. Portanto, é com a concretização de projetos de formação profissional antirracista que será viável efetivar uma parcela significativa dos elementos necessários para alcançar a radicalidade que a categoria se comprometeu exercer. A formação é o início do ciclo. Sem perder de vista o meio e o fim, por ela devemos começar.

A concretização de projetos de formação profissional antirracistas, agora menos intangível, depende da luta e resistência políticas das profissionais comprometidas com o projeto ético-político (inteiro, não parcial) e do corpo discente que na luta política dentro (e fora) da comunidade acadêmica têm provocado, minimamente, o desconforto por séculos de silenciamento do povo negro.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABEPSS. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL. *Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social*. Brasília (DF), ABEPSS, 1996. Disponível em:

[http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento\\_201603311138166377210.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf).

Acessado em: 12 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes Curriculares da ABEPSS*. ABEPSS [online], Brasília (DF), [s.d.]. Disponível em: <http://www.abepss.org.br/diretrizes-curriculares-da-abepss-10>.

Acessado em: 15 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. *Subsídios para o Debate sobre a Questão Étnico-Racial na Formação em Serviço Social*. Gestão da ABEPSS 2017-2018 “Quem é de luta resiste”. Vitória (ES): ABEPSS, dez. 2018. Disponível em: [http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio\\_debate\\_uestao\\_etnico\\_servico\\_social-201812041419427146430.pdf](http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf). Acessado em: 13 ago. 2020.

ALMEIDA, S. L. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, M. S. Exercício do Serviço Social sem ser discriminado, nem discriminar, por de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual, idade e condição física. In: CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL (Org.). *Projeto ético-político e exercício profissional em Serviço Social – os princípios do Código de Ética articulados à atuação crítica de assistentes sociais*. Rio de Janeiro: CRESS, 2013.

BRASIL. *Código de Ética profissional do/a Assistente Social/1993*. Lei 8.662/1993 de regulamentação da profissão. 10 ed. ver. atual. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf). Acessado em: 20 out. 2019.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). *Atlas da violência 2020*. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>.

Acessado em: 10 out. 2020.

FANON, F. *Os Condenados da Terra*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da Revolução Africana*. Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa, 1980.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

\_\_\_\_\_. *O olho se afoga/ Mãos paralelas*. São Paulo: Editora Segundo Selo, 2020.

FAUSTINO, D. M. “*Por que Fanon? Por que agora?*”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. São Carlos, 2015. 260 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

\_\_\_\_\_. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. *SER Social*, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148-163, jan.-jul. 2018.

\_\_\_\_\_. Revisitando a recepção de Frantz Fanon: o ativismo negro brasileiro e os diálogos transnacionais em torno da negritude. *Lua Nova*, São Paulo, n. 109, p. 303-331, jan./abr. 2020.

GONÇALVES, R. Quando a questão racial é o nó da questão social. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514-522, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1982-02592018v21n3p514>. Acessado em: 13 nov. 2020.

GUIMARAES, A. S. A. A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra. *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 81, p. 91-114, jul. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n81/09.pdf>. Acessado em: 13 set. 2020.

IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA *et. al.* *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4 ed. Brasília (DF): IPEA, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acessado em: 02 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. Brasília (DF): IPEA, 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores.html>. Acessado em: 02 ago. 2020.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2019.

MARTINS, T. C. S. “Questão social” e questão étnico-racial: pistas para o debate na formação profissional. In: GONÇALVES, M. da C.V. et. al. (Orgs.). *Serviço Social no debate cotidiano: fundamentos, formação e exercício da profissão*. Sergipe: UFS, 2015.

MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, A. *O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NETTO, J. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PASSOS, R. G. “Frantz Fanon, Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial no Brasil: o que escapou nesse processo?”. *Socied. em Deb.*, Pelotas, v. 25, n. 3, p. 74-88, set./dez. 2019.

\_\_\_\_\_. “Holocausto ou Navio Negreiro?": inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. *Argum.*, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22, set./dez. 2018.

\_\_\_\_\_. Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. *Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 45, v. 18, p. 116 – 129, jan./jun. 2020.

ROCHA, R.F. *A Incorporação da Temática Étnico-Racial no Processo de Formação em Serviço Social: avanços e desafios*. Rio de Janeiro, 2014. 211 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=1153327](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1153327). Acessado em: 23 mai. 2018.

SOUZA, G. M.; BARBOSA, I. C. L. Mortes por intervenção de agentes do estado: uma continuidade da política de embranquecimento da população negra?. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 16, 2019, Brasília (DF), *Anais...* Brasília (DF): v. 16, n. 1, 2019b. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1118>. Acessado em: 13 nov. 2020.

ZAHAR, R. *Colonialismo y enajenación: contribución a la teoría política de Frantz Fanon*. Trad. Enrique Contreras Suárez. Argentina: Siglo XXI, 1972.